

" VILA VELHA "

Por Olavo Soares

No horizonte leste de Ponta Grossa, destaca-se, pelo contraste que apresenta com a suavidade das colinas, um bloco rochoso de aspecto imponente, sugerindo uma "Fortaleza" ou "Castelo", denunciando ao observador, na vastidão dos Campos Gerais, a presença dos arenitos de Vila Velha.

Ponto turístico do Estado, conhecido hoje por muitos brasileiros de outras plagas, Vila Velha sempre despertou a curiosidade de todos quantos a visitam, quer com objetivos científicos, quer à procura do belo.

O bloco principal da formação, devido

à ação destruidora das forças climáticas, encontra-se parcialmente erodido em blocos ramificados, mais ou menos ordenados, o que motivou a sua denominação de **VILA VELHA** ou **CIDADE DE PEDRA**.

Testemunho eloquente dos grandes processos da história física do planeta, Vila Velha é uma das enciclopedias escritas pela natureza, carinhosamente depositada ao pé de nós. Seu aspecto registra tudo pelo que passou, desde a sua formação, num passado remoto, até o presente e o vislumbre de um futuro sombrio.

Euzébio Paulo de Oliveira, A. C. White, Raimundo Franco de Carvalho, Othon Henry Leonards, Aveirino Ignacio de Oliveira, Reinhard Maack e o nosso colaborador Frederico Waldemar Lange, foram os primeiros a esboçarem a elucidação dos seus segredos.

Hoje a sua história já está bastante conhecida e destacamos, neste traçado, os seus principais personagens.

Iguamente como hoje encontramos a Antártica e a Groenlândia, na mais ou menos uns 300 milhões de anos, entre os períodos Permiano e Carbonífero da Era Paleozóica, vastas porções continentais do hemisfério meridional, foram recobertas por um glacial de latitude ou inlandsis, oriundo de um ponto localizado no atual Atlântico, como atestam os sedimentos encontrados nos Estados Unidos do Brasil, nas Falklands, África do Sul, ilha de Madagascar e Austrália.

Um glacial e uma massa de gelo de grande porte, formado em regiões de grande precipitação de neve e baixa temperatura, condições estas, hoje somente encontradas nas altas montanhas e nos polos; razão pela qual, os glaciais são classificados em dois tipos principais: de montanha, alpino ou de vale; e continental, de latitude ou "inlandsis".

O maior número de avanços do gelo da glaciação Permo-Carbonífera no Brasil, foi constatado no Estado de São Paulo, com cinco avanços, decrescendo através dos Estados do Paraná, com quatro; Santa Catarina, com três; e Rio Grande do Sul, com unicamente um; todos representados por espessos bancos de tillitos.

No entrar em fase de ablação (degelo), um glacial deposita todos os materiais erodidos e transportados de outras regiões, originando os depósitos morânicos. Conforme seja a localização destes detritos na massa de gelo (parte basal ou frontal), dão lugar a formação das morâneas de fundo e das morâneas frontais. Da consolidação das primeiras resultam os tillitos encontrados em Ponta Grossa.

A linha de ablação de um glacial demarca os limites da ação dos agentes de erosão, gelo e água. A partir desta linha, todos os materiais até então sob a influência do gelo, serão retrabalhados pela água de degelo, dando lugar aos depósitos flúvio-glaciais ou de "drift", nos quais a ordem da deposição é a da densidade ou da seleção granulométrica ("boulders", seixos, areias e argilas).

Da consolidação das areias, transportadas de uma morânea frontal e depositadas dentro de um lago pela água de degelo de um glacial continental, resultam os "Arenitos de Vila Velha". A estratificação poligonal e o imbricamento observado nas paredes verticais do arenito, atestam o seu habitat de sedimentação lacustre.

Erodido por forças tectônicas e atacado impiedosamente pelo clima, o arenito encontra-se, em parte, completamente desmantelado. A erosão já assumiu o controle sobre todas as suas partes.

A desagregação e a decomposição química, cobrando um elevado tributo do material exposto às intempéries, esfacelam e sulcam as superfícies menos resistentes.

As linhas de diáclases (fendas sem desnivelamento) e a heterogeneidade do banco, propiciaram à erosão um caminho fácil e seguro de destruição. A água das chuvas, escorrendo através das linhas de fratura, alargam as fendas isolando blocos quadrangulares e formando ruas e becos; ou fluindo parêde abaixo, atacam a parte média menos resistente, criando, pela erosão côncava, formas bizarras com cabôcos, como o camelo, a esfinge e o cálice.

Obedecendo às leis imutáveis da natureza, o seu fim aproxima-se à medida que o tempo passa.

Ponta Grossa, 10-11-1958.